ISSN: 2358-8829

A RELEVÂNCIA DA EDUCAÇÃO SOCIOEMOCIONAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS COM USO DE FANTOCHES

Saionara Pereira dos Santos [1]

INTRODUÇÃO

A Educação Infantil constitui o primeiro espaço coletivo de convivência da criança e desempenha papel determinante na formação das dimensões físicas, cognitivas, sociais e emocionais. Nessa etapa, a aprendizagem ocorre por meio das interações, das brincadeiras e das experiências afetivas, evidenciando que educar não envolve apenas ensinar conteúdos acadêmicos tradicionais, mas promover o desenvolvimento integral do sujeito.

A crescente complexidade das relações sociais e os desafios presentes no cotidiano escolar têm salientado a necessidade de práticas educativas que considerem as emoções como parte constitutiva do processo de aprendizagem. Nesse cenário, a Educação Socioemocional surge como possibilidade de integrar o cuidar e o educar, uma vez que possibilita à criança reconhecer, expressar e regular suas emoções, promovendo habilidades como empatia, autocontrole, cooperação e consciência de si.

Nas últimas décadas, o debate sobre as competências socioemocionais ganhou maior visibilidade no cenário educacional brasileiro, especialmente com a homologação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que reconhece a importância do desenvolvimento emocional desde a primeira infância. Assim, torna-se necessário compreender a Educação Socioemocional no Brasil e refletir sobre práticas pedagógicas que favoreçam esse desenvolvimento.

Nesse panorama, a Educação Infantil assume um papel central e fundador. É nessa etapa inicial da educação básica que se estruturam as bases profundas do autoconceito, da regulação emocional e da alteridade. Conforme preconiza a BNCC (2017), a Educação Infantil deve assegurar direitos de aprendizagem fundamentais, a saber: conviver, brincar,

[1] Graduada do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, saionarasantoss@hotmail.com;

participar, explorar, expressar e conhecer-se, evidenciando de maneira categórica a indissociabilidade entre a aprendizagem formal e a vivência das emoções (BRASIL, 2017).

Além disso, observa-se que muitas crianças chegam à escola sem repertório emocional suficiente para lidar com frustrações, conflitos ou sentimentos desconhecidos, o que reforça a importância de intervenções pedagógicas intencionais que propicie o reconhecimento e a expressão das emoções.

Logo, o trabalho pedagógico deixa de pautar-se em uma lógica meramente conteudista ou instrucional e passa a enfatizar experiências profundamente relacionais, expressivas e participativas. Reconhece-se, portanto, que a criança aprende ativamente por meio das interações sociais e das vivências carregadas de sentido afetivo. A escola contemporânea transita, assim, da condição de mera transmissora de conhecimentos estáticos para a assunção de uma função formativa humanizada, voltada à constituição plena do sujeito social.

Dessa forma, este artigo tem como objetivo analisar a relevância da Educação Socioemocional na Educação Infantil, contextualizar sua inserção na educação brasileira e refletir sobre o uso de fantoches como recursos pedagógicos no processo de nomear e compreender as emoções.

METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se metodologicamente como uma pesquisa de natureza qualitativa, de cunho descritivo e interpretativo, estruturada sob a modalidade de relato de experiência pedagógica e intervenção mediada. A abordagem qualitativa mostra-se a mais adequada por permitir a imersão aprofundada no cotidiano escolar, privilegiando a compreensão dos significados, das interações sociais e das manifestações afetivas das crianças no contexto da Educação Infantil.

A intervenção pedagógica e o registro empírico foram desenvolvidos em turmas de Educação Infantil (com crianças de 4 e 5 anos) da rede privada de ensino do município de Rio Largo. O campo de investigação constituiu-se no próprio espaço da sala de aula e do pátio escolar, cenários cotidianos onde se dão as interações sociais, as brincadeiras e a vivência das relações afetivas que estruturam a rotina das crianças.

Como técnicas de pesquisa e instrumentos para a produção e coleta de dados, adotou-se a observação participante e o registro diário em diário de bordo do docente-pesquisador. A observação participante ocorreu de forma integrada à rotina pedagógica, permitindo documentar as reações corporais, a atenção concentrada, os diálogos espontâneos e as interações das crianças durante as sequências didáticas.

Os instrumentos metodológicos pautaram-se no uso intencional de recursos lúdicos e ferramentas pedagógicas mediadoras, especificamente a animação de fantoches antropomórficos concebidos para tematizar e nomear as emoções básicas (alegria, tristeza, raiva, medo). A coleta de dados qualitativos priorizou o registro minucioso de episódios críticos, falas literais dos alunos, relatos de vivências pessoais externalizados por meio dos bonecos, além da observação de reações cinestésicas e afetivas (como o acolhimento, o abraço e o engajamento empático com o personagem).

REFERENCIAL TEÓRICO

A Educação Socioemocional no contexto educacional brasileiro

A Educação Socioemocional, embora recentemente sistematizada, sempre esteve presente nas práticas educativas, sobretudo na Educação Infantil, por meio das interações, brincadeiras e relações sociais.

A valorização das dimensões emocionais no processo educativo está associada às discussões sobre educação integral, que compreende o ser humano em sua totalidade. No Brasil, essa perspectiva ganha força com as diretrizes curriculares que reconhecem a indissociabilidade entre desenvolvimento cognitivo e afetivo.

Desde a década de 1990, o termo Educação Socioemocional é usado por pesquisadores da área da psicologia e educação, no entanto, tornou-se presente nas escolas nas últimas décadas. Com a homologação da BNCC (2017), as competências socioemocionais passaram a ocupar lugar de destaque no currículo nacional. E, em 2019, passou a integrar o currículo obrigatório tanto das escolas públicas quanto da rede privada. De acordo com a BNCC, a educação deve assegurar o desenvolvimento de competências que envolvam não apenas conhecimentos cognitivos, mas também aspectos emocionais, sociais e éticos. Nesse sentido, a Educação Infantil assume papel central, pois é nesse período que se constroem as bases do desenvolvimento emocional.

Segundo a BNCC (2017), a Educação Infantil deve garantir direitos de aprendizagem que envolvem conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se, evidenciando a indissociabilidade entre aprendizagem e emoções (BRASIL, 2017).

O trabalho pedagógico na Educação Infantil passa a enfatizar experiências relacionais, expressivas e participativas, entendendo que a criança aprende nas interações e nas vivências significativas. Assim, a escola deixa de ser apenas transmissora de conhecimentos e assume função formativa mais ampla, voltada à formação do sujeito social.

Educação Socioemocional na Educação Infantil

O estudo aprofundado da gênese e do papel das emoções no desenvolvimento infantil encontra sustentação teórica em correntes clássicas e consolidadas da psicologia do desenvolvimento e da socio interação. Entre os teóricos que fundamentam essa compreensão, destaca-se Henri Wallon, cuja obra eleva a afetividade ao status de elemento central e estruturante na constituição da pessoa.

Para Wallon, a afetividade é elemento central na constituição da criança, sendo inseparáveis do desenvolvimento intelectual. O autor defende que emoção, movimento e pensamento formam um sistema integrado, sendo responsável por estabelecer os primeiros vínculos sociais e afetivos da criança. A emoção atua como a matriz primária e biológica que viabiliza o estabelecimento dos primeiros vínculos sociais e afetivos da criança com o meio externo.

De forma indireta, pode-se afirmar que o desenvolvimento emocional precede e influencia os demais processos de aprendizagem. Vygotsky (1991) destaca que o aprendizado ocorre nas interações sociais, sendo mediado pela linguagem, pelos símbolos e pelas relações afetivas estabelecidas no ambiente escolar.

A perspectiva histórico-cultural de Lev Vygotsky (1991) acrescenta que o aprendizado humano decorre primordialmente das interações sociais, sendo mediado de forma incontornável pela cultura, pela linguagem, pelos sistemas de signos e pelas relações afetivas estabelecidas no ambiente escolar. Para Vygotsky, o desenvolvimento psíquico superior não brota de um determinismo biológico isolado, mas é impulsionado pela mediação do outro em um contexto relacional marcado por densidade afetiva e significação cultural.

ISSN: 2358-8829

A Educação Socioemocional na infância contribui para o desenvolvimento do autoconhecimento, da empatia, da autonomia e da autorregulação emocional. Assim, práticas pedagógicas que valorizam o diálogo, a escuta sensível e o reconhecimento das emoções favorecem um ambiente acolhedor, no qual a criança se sente segura para aprender e se expressar. Nesse ambiente, a criança experimenta a segurança psicológica indispensável para explorar o mundo, lidar com a frustração, aprender com o erro e expressar sua subjetividade sem receios ou repressões.

O Nomear das Emoções no Desenvolvimento Infantil

Nomear as emoções é uma etapa fundamental para o desenvolvimento do autoconhecimento emocional. Quando a criança aprende a identificar sentimentos como alegria, tristeza, raiva e medo, amplia sua capacidade de comunicação e de autorregulação.

De acordo com Goleman (2012), a inteligência emocional envolve a habilidade de reconhecer as próprias emoções e as emoções dos outros, utilizando esse conhecimento para orientar pensamentos e ações. Em consonância com essa ideia, trabalhar o nomear das emoções na Educação Infantil contribui para o fortalecimento da saúde emocional e das relações interpessoais. Em consonância com essa premissa, trabalhar o "nomear das emoções" na rotina diária da Educação Infantil contribui de maneira incisiva para a preservação da saúde mental infantil e para a qualificação das interações interpessoais.

Conforme Goleman (2012, p.67), A consciência emocional é a base da inteligência emocional, pois sem reconhecer o que sentimos, torna-se impossível lidar adequadamente com nossas emoções. A partir dessa premissa, depreende-se que negligenciar os estados emocionais da criança no espaço escolar equivale a privá-la da ferramenta mais elementar para a mediação de seus conflitos internos e para a construção de relações sociais pautadas no respeito à alteridade.

Fantoches como Recursos Pedagógicos

Para que a teoria socioemocional transite do plano abstrato para a concreção da prática pedagógica na Educação Infantil, torna-se imprescindível o uso de recursos metodológicos intrinsecamente sintonizados com a cultura lúdica da infância. Nesse

cenário, os fantoches configuram-se como importantes recursos lúdicos no trabalho socioemocional com crianças pequenas. Esses elementos simbólicos facilitam a expressão emocional, pois criam um espaço seguro de identificação e projeção dos sentimentos.

Sob o prisma psicanalítico e pedagógico, compreende-se que os fantoches permitem à criança falar de si de forma indireta e mediada por meio do personagem. Desse modo, ela consegue projetar angústias, medos, fantasias e alegrias que, muitas vezes, não conseguiria verbalizar em primeira pessoa, seja em virtude da inibição natural da idade, de bloqueios emocionais temporários ou do estágio ainda em consolidação de sua competência linguística. De forma indireta, compreende-se que os fantoches permitem que a criança fale de si por meio do personagem, externalizando emoções que, muitas vezes, não conseguiria expressar verbalmente.

Segundo Kishimoto (2011), o brincar é uma linguagem própria da infância e constitui um poderoso instrumento de aprendizagem, desenvolvimento emocional e socialização. Por conseguinte, a inserção intencional de fantoches nas sequências didáticas, rodas de contação de histórias e momentos de diálogo potencializa de forma notável o ato educativo, tornando-o profundamente significativo, afetivo e respeitoso em relação ao ritmo e às especificidades biológicas e cognitivas da criança pequena.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A vivência prática desenvolvida com as turmas de Educação Infantil revelou a potência transformadora do fantoche quando animado pedagogicamente. No exato instante em que o docente dá vida e voz ao personagem, modificando a entonação, atribuindo-lhe gestos, dúvidas e emoções humanas, estabelece-se na sala de aula um fenômeno de suspensão da descrença e imersão absoluta. Crianças usualmente agitadas ou dispersas entram em um estado de profunda concentração e foco atento. O silêncio atento e a fixação dos olhares demonstram que a animação do boneco funciona como um catalisador da atenção seletiva e do interesse genuíno.



ISSN: 2358-8829

Essa atração magnética exercida pelo fantoche fundamenta-se na capacidade que o recurso tem de falar a linguagem simbólica da criança. Ao humanizar o fantoche, a mediação pedagógica rompe as barreiras da linguagem adulta e formal, estabelecendo um canal direto com o universo imaginário infantil. A atenção sustentada das crianças durante essas intervenções não é mera passividade; é, antes, uma escuta ativa e engajada, na qual cada movimento do fantoche é processado emotiva e cognitivamente.

À medida que a interação pedagógica se aprofunda e o fantoche expressa sentimentos como "estar triste porque perdeu um brinquedo", "sentir raiva por não ter sido ouvido" ou "ter medo do escuro", observa-se um movimento imediato de identificação e projeção por parte dos alunos. A criança deixa de ser espectadora para se tornar interlocutora do boneco. É nesse momento que brotam relatos espontâneos de suas próprias vivências familiares e escolares.



Crianças que habitualmente encontravam dificuldades para se expressar verbalmente em rodas de conversa passam a dialogar diretamente com o fantoche. Ao dirigir a fala ao personagem, e não à autoridade do adulto/professor, a barreira do julgamento é desfeita. Observou-se nas turmas que os alunos utilizavam o fantoche para confessar receios, contar episódios de conflito doméstico ou escolar, e verbalizar dores e alegrias com facilidade e naturalidade. O fantoche, ao assumir a vulnerabilidade emocional, legitima os sentimentos das próprias crianças, permitindo que elas deem nome ao que sentem sem medo de repressão.

Um dos aspectos mais marcantes da experiência prática residiu na inversão do papel do cuidado. Ao perceberem o fantoche como um ser que sente, tem medos e necessita de afeto, as crianças desenvolveram comportamentos empáticos e protetivos de elevada maturidade socioemocional. Elas ofereciam conselhos ao boneco, faziam carinho em sua cabeça, prometiam protegê-lo e demonstravam uma genuína atitude de cuidado comunitário.

A culminância desse processo ocorria quando o fantoche era disponibilizado para o contato direto e individual. A reação física e emocional das crianças nesse instante



revelou a essência da afetividade na infância: ao segurarem o fantoche no braço, os olhos das crianças literalmente brilhavam de fascínio, alegria e ternura. O ato subsequente era quase invariavelmente um abraço forte, prolongado e sincero no boneco.

Esse abraço físico e o brilho no olhar sintetizam o ápice da mediação socioemocional: a criança não apenas racionaliza a emoção, mas a vive e a expressa corporalmente. A experiência comprovou que o fantoche atua como um ponteiro de empatia, no qual o acolhimento oferecido ao boneco reflete o desejo da própria criança de ser acolhida e compreendida em suas complexidades emocionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação Socioemocional na Educação Infantil revela-se essencial para o desenvolvimento integral da criança, uma vez que promove o reconhecimento das emoções, o fortalecimento dos vínculos afetivos e a construção de relações sociais pautadas na solidariedade e na alteridade, essa perspectiva pedagógica responde aos anseios de uma educação humanizadora. O histórico da educação brasileira, especialmente a partir da BNCC, evidencia a valorização crescente das competências socioemocionais no currículo escolar.

Ademais, o uso intencional de recursos lúdicos, com destaque para os fantoches, comprova ser uma estratégia metodológica altamente eficaz e coerente com as características do desenvolvimento infantil. Ao favorecer o ato de nomear as emoções, estimular o diálogo empático e viabilizar a expressão de sentimentos em um ambiente seguro e acolhedor, tal recurso enriquece o fazer pedagógico.

A experiência empírica demonstrada revelou que conferir vida, voz e vulnerabilidade ao fantoche não apenas capta a atenção das crianças de modo extraordinário, como também abre comportas para a expressão verbal e emocional sincera. O brilho nos olhos e o abraço afetuoso dirigidos ao fantoche traduzem a dimensão estética e afetiva da aprendizagem na infância: uma pedagogia que acolhe, que escuta e que reconhece a criança como sujeito de afetos, desejos e direitos.

Conclui-se, portanto, que investir em práticas pedagógicas socioemocionais desde a Educação Infantil é contribuir para a formação de sujeitos mais conscientes de si, empáticos, resilientes e preparados para conviver em sociedade, fortalecendo uma educação humanizada e integral.

Palavras-chave: Educação Infantil; Educação Socioemocional, Emoções, Ludicidade, Desenvolvimento Integral.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.
GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O brincar e suas teorias.** São Paulo: Cengage Learning, 2011.
VYGOTSKY, Lev Semionovich. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.